

Museu Nacional Resistência e Liberdade



Guião de Visita 3

O Museu Nacional Resistência e Liberdade

O Museu



Museu Nacional Resistência e Liberdade
Exposição Resistência e Liberdade, 2024
©MNRL

De âmbito multidisciplinar, o **Museu Nacional Resistência e Liberdade** tem como missão investigar, preservar e comunicar a memória da Resistência ao regime fascista português, a partir dos testemunhos e experiências daqueles e daquelas que lutaram pela Liberdade e pela Democracia.

No **Guião 3** apresentam-se os atuais espaços musealizados e um resumo dos conteúdos expositivos.

Memorial aos Presos Políticos: peça escultórica com os nomes inscritos dos antigos presos. As palavras de António Borges Coelho, poeta, historiador e antigo preso político, encimam o memorial: "Nomeai um a um todos os nomes. Lutaram e resistiram. A liberdade guarda a sua memória nas muralhas desta fortaleza". Embora tenha sido uma prisão masculina, há dois nomes de mulheres neste Memorial: Maria de Jesus e Teresa Marques, que aqui estiveram presas aquando da "Revolta do Milho", na aldeia de Vale da Pedra, próxima de Leiria, em 1943.

Parlatório: era local onde os antigos presos recebiam as visitas das famílias e onde as emoções ainda se fazem sentir intensamente. É um espaço onde as memórias mais recônditas são ativadas no contacto com as grades e os vidros que impediam o toque entre presos e as visitas. Na sala anexa ao Parlatório podemos ver documentos sobre o apoio e a solidariedade da população de Peniche para com os presos e seus familiares, as colónias de férias para filhos/as de presos políticos e o memorial de homenagem aos presos políticos naturais ou residentes em Peniche.

Nesta sala realizaram-se alguns casamentos de presos políticos, nomeadamente o de Domingos Abrantes com Conceição Matos Abrantes e de António Borges Coelho com Isaura Coelho.

Capela de Santa Bárbara: com nave única, capela-mor pouco profunda, púlpito e retábulo-mor setecentistas é um elemento importante na estrutura da fortaleza. Aqui estão apresentados os conteúdos sobre a história e a evolução da Fortaleza de Peniche e mapas com a evolução da cidade.



Museu Nacional Resistência e Liberdade

Escadaria de acesso à Galeria da Liberdade, 2024

©MNRL

Fortim Redondo: é a estrutura defensiva que marca a génese da construção da fortaleza; durante o tempo da cadeia política era o local das celas de castigo, ou Segredo. É também o sítio de onde se evadiu o preso político António Dias Lourenço, em 17 de dezembro de 1954, numa audaciosa fuga pelo mar.

Era no Fortim Redondo que os presos cumpriam os castigos mais pesados durante uma ou mais semanas, muitas vezes em regime de pão e água. O chão, de cimento, era frio e húmido no inverno, quase sem ar, e sem luz, e possuía como mobiliário apenas uma pequena tarimba (estrado de madeira). O “Segredo” era considerado pelos carcereiros, como o ideal para castigar e amedrontar os presos.

Casamatas: são uma imponente construção da fortaleza, uma sucessão de salas localizadas entre os panos da muralha com uma estrutura abobadada. Durante o funcionamento da cadeia serviram de celas de castigo para os presos. A entrada só está disponível em visita acompanhada e em datas a definir pelo museu.

Pátio da Cisterna: elemento arquitetónico da antiga fortaleza, que serviu de pátio de recreio aos presos políticos. Sob o pavimento encontra-se uma cisterna, com águas pluviais, que em tempos antigos e em anos de seca chegou a abastecer de água a então vila de Peniche.

Antigos pavilhões prisionais: a Cadeia do Forte de Peniche era constituída por três pavilhões, denominados de A, B e C, com celas individuais e celas coletivas. É nestes pavilhões que está instalada a exposição de longa duração do Museu e os serviços técnicos.

Nos pavilhões prisionais os visitantes podem ver a **exposição “Resistência e Liberdade”** que pretende ser representativa, por um lado, da luta desenvolvida e da repressão sofrida pelos presos políticos aqui encarcerados e pelas suas famílias e, por outro, uma homenagem aos múltiplos movimentos de resistência ao regime que, na sua diversidade, constituem efetivamente uma Resistência dotada de objetivos, métodos, organização e recursos, com a finalidade de fazer cair o regime fascista português.



Museu Nacional Resistência e Liberdade

Praça de Armas, 27 de abril 2019

©MNRL

A Exposição Resistência e Liberdade está organizada em 5 núcleos temáticos:

O Estado Novo

O Estado Novo foi a modalidade específica do regime fascista implantado em Portugal com a Constituição de 1933 e expressa a vitória da corrente salazarista dentro da Ditadura Militar que o precede.

O novo regime estabelecia uma férrea ditadura de partido único, suprimiu as liberdades fundamentais, organizou a repressão sistemática de todas as formas de oposição centralizada na polícia política e criou milícias fascistas (legião Portuguesa e Mocidade Portuguesa).

Oliveira Salazar foio chefe do governo e do regime durante 36 anos (1932-1968).

O sistema repressivo e policial

Em agosto de 1933 Salazar procedeu à reorganização das várias polícias políticas da Ditadura, concentrando-as na Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE) com a missão principal de vigiar e reprimir a resistência ao regime fascista. A nova polícia política seria o pilar central do sistema repressivo, secundada pela PSP, pela GNR, pela Legião Portuguesa, pela União Nacional, pela Censura e pela rede de informadores, com a colaboração de parte do patronato.

O Campo de Concentração do Tarrafal

O sistema prisional do Campo de Concentração do Tarrafal (1936-1954) tinha como objetivo fundamental a morte lenta dos mais destacados lutadores contra o regime, longe dos olhares do país e do mundo. Criado nas condições da ascensão do nazi-fascismo, Salazar assumiu como tarefa acelerar a prisão e liquidação de opositores à Ditadura, sujeitando os presos no Campo ao uso de métodos de torturas cruéis que se traduziram em 32 mortos e um sem número de outros presos com a saúde arruinada, condenados a uma morte prematura.

Colonialismo e Guerra Colonial

O colonialismo português assentava num triângulo de privilégios que articulava e assegurava os interesses da banca, do comércio colonial e das companhias de navegação. O seu domínio repousava em dois pilares fundamentais: a violência do trabalho forçado conjugada com o Estatuto do Indigenato impostos pela administração colonial e uma enraizada ideologia racista de legitimação do colonialismo, que atribuía a Portugal a missão de "civilizar" e "evangelizar" as "raças inferiores", depois apresentada pelo luso-tropicalismo como aptidão específica dos portugueses para a miscigenação nos trópicos.

A Resistência em todas as Frentes

A luta contra a ditadura e o fascismo foi constante desde o início do regime até à sua queda. No final dos anos 20 e nos anos 30, esta resistência manifestou-se através das revoltas de reviralhismo republicano, das lutas operárias contra a fascização dos sindicatos e da revolta dos marinheiros. Durante e após a II Guerra materializou-se por via das mobilizações das organizações de unidade antifascistas. As greves dos anos 40 destacam o papel da luta operária bem como dos assalariados agrícolas, culminando em 1962 com a jornada pelas oito horas de trabalho. O movimento estudantil é outra frente sempre presente, designadamente em finais dos anos 60, reforçando a luta contra a guerra colonial, que ganha nova centralidade. Transversalmente destacaram-se a luta das mulheres desafiando a subalternidade e a sobreexploração, bem como a frente da cultura em todas as suas expressões.

A Clandestinidade

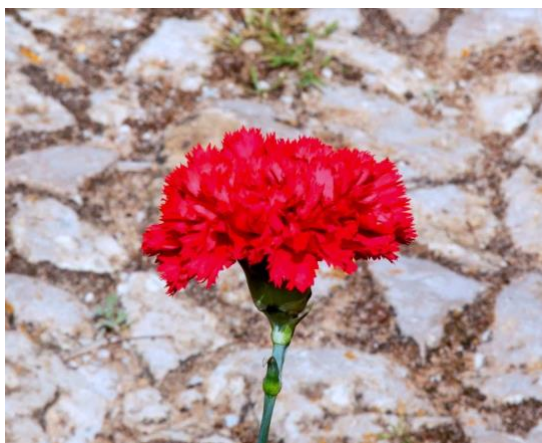
A Resistência repousava numa organização clandestina que assegurava a continuidade da luta, sempre sujeita a forte repressão policial. O Partido Comunista Português, ilegalizado desde 1927 e beneficiário de uma dura experiência internacional, desenvolveu de forma particular a cultura e os métodos da vida clandestina, que foram adaptados por outras organizações que agiam clandestinamente no interior do país, designadamente as da esquerda radical.

Significava isso manter e defender as redes de tipografias e casas clandestinas, apurar os métodos conspirativos, produzir documentação falsificada, usar pseudónimos, cuidar dos disfarces e da sinalética, ou manter um corpo de revolucionários profissionais. Sem esse “exército da sombra” não haveria Resistência.

A Revolução dos Cravos de 25 de Abril de 1974

No dia 25 de abril de 1974, a prisão da Fortaleza de Peniche foi cercada por uma força militar do Movimento das Forças Armadas (MFA) proveniente de Leiria, mas os elementos da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE) só se renderam na manhã do dia seguinte.

A concentração de populares junto à Fortaleza de Peniche, a ação dos militares do MFA e a decisão tomada pelos presos de que ou “saíam todos, ou nenhum” impulsionaram a libertação dos presos concretizada na madrugada do dia 27 de Abril.



Museu Nacional Resistência e Liberdade

27 de abril 2024

©MNRL

A Libertação dos presos políticos

A libertação dos presos políticos, pondo fim a um sistema prisional e policial que durante 48 anos sujeitou dezenas de milhares de opositores à ditadura, à privação da liberdade, à violência e arbitrariedade, constituiu um momento marcante no caminho da liberdade aberto com a Revolução de Abril de 1974.

A concentração de milhares de pessoas junto dos Fortes de Caxias, de Peniche e da PIDE do Porto para exigirem a libertação dos presos políticos – enormes manifestações de alegria, de solidariedade e de defesa da liberdade –, apoiadas por destacadas personalidades da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos e militares do MFA, foram decisivas para que as portas das prisões políticas fossem

definitivamente abertas. O que só aconteceria a 26 de Abril nas prisões do Forte de Caxias e da PIDE no Porto e a 27 de Abril na prisão do Fortaleza de Peniche.

1.º maio de 1974

A partir das primeiras horas do dia 25 de Abril de 1974, o povo incorporou-se no movimento militar e transformou-o. Em Lisboa cercou o quartel do Carmo até à rendição de Marcello Caetano, marchou sobre a sede da polícia política e atacou as instalações da censura.

Nos dias seguintes, avançou sobre as prisões políticas e impôs a libertação incondicional de todos os presos, “caçou” nas ruas os agentes da PIDE/DGS e concentrou-se junto às sedes da polícia política por todo o país para as encerrar e prender os seus agentes.

Tudo culminando, de norte a sul do país, no dia 1.º de Maio – o dia do Trabalhador finalmente celebrado sem sangue nem repressão – em manifestações que envolveram mais de um milhão de pessoas, unidas na grande festa da Liberdade.

O Novo Segredo

O Novo Segredo, constituído por 2 celas disciplinares descobertas somente aquando da preparação do espaço para a implementação do projeto museológico dado estarem entaipadas, revelaram ser o único local em toda a cadeia do Forte de Peniche onde se encontram inscrições parietais, embora quase todas datadas do pós 25 de abril de 1974.

Memorial aos que deram a Vida Pela Liberdade

No percurso de saída da exposição entre o Bloco B e o Pátio da Cisterna, fica o **Memorial Aos Que Deram A Vida pela Liberdade**. Aqui estão os nomes dos assassinados pelo regime por lutarem pela Liberdade. Catarina Eufémia, Humberto Delgado ou José Dias Coelho, são exemplos de pessoas assassinadas pelo regime que perderam a vida em resultado da tortura e das condições prisionais, mortos nas ruas, nos campos e nas cidades, deportados para as colónias portuguesas, assassinados no campo de concentração do Tarrafal. O Memorial não inclui as centenas de outras vítimas da repressão às revoltas militares e populares, dos que morreram na deportação, nos campos de concentração espalhados pelo “império colonial”, dos que viram a sua vida abreviada pela doença devido às torturas ou a muitos anos de prisão, dos que permanecem anónimos por se ter ocultado a sua identificação, ou enterrados em valas comuns.

A visita ao Museu termina na **Livraria Resistência e Liberdade** especializada em literatura sobre a resistência portuguesa.

Textos: Alice Samara, Domingos Abrantes, Fernando Rosas, Inês Almeida, Joana Dias Pereira, Rosalina Carmona, Sofia Lisboa, Susana Martins

Revisão e adaptação: Aida Rechená

Colabore: seja voluntária/o do Museu: geral.mnrl@museusemonumentos.pt

Associe-se: faça-se sócio da Associação Amigos do Museu Nacional Resistência e Liberdade:

associacaoamigosmnrlfortalezap@gmail.com

Participe: se tiver objetos e documentos que possam interessar ao Museu, por favor contacte-nos.

Testemunhe: se tiver uma história para contar sobre a resistência ou sobre a repressão, contacte-nos:

geral.mnrl@museusemonumentos.pt

Siga-nos: <https://www.museunacionalresistencialiberdade-peniche.gov.pt/pt/>

<https://www.facebook.com/MuseuNacionalResistenciaeLiberdade>